

**FACULDADE PATOS DE MINAS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANIELA NUNES BRAGA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

PATOS DE MINAS

2020

FACULDADE PATOS DE MINAS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DANIELA NUNES BRAGA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do Curso de Educação Física.

Orientador: Prof.^a Me. Ana Carolina Fernandes Marafon.

PATOS DE MINAS

2020

FACULDADE PATOS DE MINAS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DANIELA NUNES BRAGA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em ____ de novembro de 2020, pela comissão examinadora constituída pelos professores:

Orientador: _____

Prof.º Me. Ana Caroline Fernandes Marafon.

Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____

Prof. º. Me. Rosana Mendes Maciel Moreira

Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____

Prof.ª. Me. Tatiana Alves Silva

Faculdade Patos de Minas

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que me deparei ao longo da minha graduação, a meu pai José Donisete, minha mãe Aparecida Luiz e meu padrasto Gerson Barbosa, por serem essenciais na minha vida, e ao meu namorado Igor Volsi, que sempre me incentivou a continuar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pois ele sempre esteve comigo, e sem ele nada seria possível.

Agradeço aos meus pais, Aparecida Luiz, José Donisete, e ao meu padrasto, Gerson Barbosa, que, apesar de todas as dificuldades, não me deixaram desistir, sempre estiveram comigo e me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos.

Agradeço ao meu namorado, Igor Volsi, que acima de tudo é o meu melhor amigo, e que sempre esteve presente nos momentos difíceis com palavras de carinho e incentivo.

Agradeço a todos os professores, por todos os conselhos e ajuda durante os meus estudos e elaboração do meu TCC.

Agradeço à minha orientadora, Ana Caroline (Carol), pelo seu empenho, bondade e carinho que teve comigo durante a elaboração do projeto.

Gostaria de deixar o meu profundo agradecimento às professoras Rosana Maciel e Renata Ferreira, que ao longo do tempo da graduação sempre me incentivaram a continuar mesmo diante das dificuldades e agradeço pelo carinho e paciência que tiveram comigo.

Por fim, agradeço à instituição de ensino Faculdade Patos de Minas, e ao seu corpo docente, que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.

Provérbios 16.3

A importância das aulas de Educação Física no desenvolvimento da criança autista na Educação Infantil.

Daniela Nunes Braga da Silva *

Ana Caroline Fernandes Marafon**

RESUMO

Este artigo descreve sobre a importância das aulas de Educação Física no desenvolvimento de crianças autistas, podendo auxiliar estas crianças a desenvolver as habilidades motoras e sociais, assim ajudando na sua autonomia para que consigam realizar suas atividades diárias. Sabendo que crianças com TEA tendem a ser mais reservadas e geralmente ignoram a presença do outro e, assim, preferem atividades mais solitárias. As aulas de Educação Física poderão desenvolver estas questões, fazendo com que elas possam se envolver com as atividades propostas e que participem com a turma além de trazer inúmeros benefícios com foco na estimulação cognitiva, desenvolvimento social e da linguagem e na eliminação de movimentos estereotipados. O objetivo deste trabalho é identificar a importância das aulas de educação física na educação infantil para o desenvolvimento da criança autista. Nesse sentido, desenvolvemos uma revisão bibliográfica, em que a maior parte do material coletado para esta pesquisa foi retirada dos bancos de dados virtuais Google Acadêmico, Scielo, Bireme, Lilacs, BV Saúde, Teses e artigos científicos, utilizando como principais termos de pesquisa autismo, educação física e inclusão. Durante o trabalho, identificamos que crianças com TEA apresentam um déficit, quando se trata de coordenação motora, interação social e qualidade de vida. Concluiu-se que a inclusão de crianças com TEA nas escolas regulares traz inúmeros benefícios ao aprendizado destas crianças, pois a proposta dos professores e da escola é tornar a criança com TEA o mais independente possível, proporcionando a ela a capacidade de viver igualmente aos demais.

Palavras-chave: Autismo; Educação Física; Avaliação; Inclusão

*Aluno do Curso de Educação Física da Faculdade Patos de Minas (FPM) formando no ano de 2020, e-mail daniela.10156@alunofpm.com.br

**Professora de Cinesiologia e Fisiologia do Exercício no curso de Educação Física da Faculdade Patos de Minas. Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca, e-mail ana.marafon@faculadepatosdeminas.edu.br

The importance of Physical Education classes in the development of autistic children in Early Childhood Education.

ABSTRACT

This article describes the importance of Physical Education classes in the development of autistic children, and can help these children develop motor and social skills, thus helping in their autonomy so that they can perform their daily activities. Knowing that children with ASD tend to be more reserved and usually ignore the presence of the other and thus prefer more solitary activities. Physical Education classes can develop these effects, making them able to get involved with the proposed activities and participate with the class, besides bringing numerous benefits with a focus on cognitive stimulation, social and language development and the elimination of stereotyped movements. The objective of this work is to identify the importance of physical education classes in early childhood education for the development of autistic children. In this way, we developed a literature review, in which most of the material collected for this research was taken from the virtual data banks Google Academic, Scielo, Bireme, Lilacs, BV Saúde, Theses and scientific articles, using as main terms of research autism, physical education and inclusion. During the study, we identified that children with ASD have a deficit when it comes to motor coordination, social interaction and quality of life. It is concluded that the inclusion of children with ASD in regular schools brings numerous benefits to the learning of these children, because the proposal of teachers and the school is to make the child with ASD as independent as possible, providing them with the ability to live equally to others.

Keywords: Autism; Physical Education; Assessment; Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa com o tema intitulado a importância das aulas de Educação Física no desenvolvimento da criança autista na Educação Infantil pode ser usada para auxiliar estas crianças no seu desenvolvimento de habilidades motoras e sociais, podendo também ajudar na sua autonomia para que consigam realizar suas atividades diárias.

Crianças com transtorno do espectro autista (TEA) tendem a ser mais reservadas e geralmente ignoram a presença do outro e, assim, preferem atividades mais solitárias. As aulas de Educação Física poderão desenvolver estas questões, fazendo com que elas possam se envolver com as atividades propostas e que participem com a turma.

O transtorno do espectro autista (TEA) é caracterizado por distúrbios do desenvolvimento neurológico, causado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION; 2013)

Os benefícios que as aulas de Educação Física desenvolvem são inúmeros, pois tem como foco a estimulação cognitiva, desenvolvimento social e da linguagem e na eliminação de movimentos estereotipados (SOWA& MEULENBROEK, 2012).

As crianças com autismo, apresentam algumas características que dificultam sua participação em atividades físicas, das quais podemos destacar: falta de iniciativa, tendência ao isolamento e, pouca ou nenhuma comunicação. Sendo assim, preparar algum tipo de atividade pode ser difícil, cabendo então à família e aos professores a tarefa de oferecer uma atividade mais adequada e estimulante (HAX,2012).

Assim, é dever do profissional criar uma aula que haja o melhor aproveitamento possível nas atividades, escolher dinâmicas que sejam inclusivas para todos e, deste modo, motivar a participação e trabalhar a inclusão dentro de sala.

Portanto, o professor de Educação Física deve sempre procurar por atividades que atendam às necessidades da criança autista e das demais crianças, ser persistente, criar uma boa relação com o aluno e sempre fazer com que ele participe das atividades junto à turma.

O objetivo deste trabalho, é identificar a importância das aulas de Educação Física na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança autista.

1.1 Metodologia de Desenvolvimento

O presente estudo foi realizado através de uma revisão da literatura utilizando artigos científicos em português. Para a composição desta pesquisa, foram pesquisados artigos nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo, Bv saúde, Lilacs, Bireme, livros, teses e artigos científicos, publicados no período de 2010 a 2020.

Palavras Chave: Autismo; Educação Física; Avaliação; Inclusão.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A história da Educação Física no Brasil pode ser comparada com o seu descobrimento em 1.500, onde sem dúvidas houve a primeira aula de ginástica e recreação, como foi relatada pelo escrivão Pero Vaz de Caminha que escreveu uma carta para a coroa portuguesa onde descrevia os indígenas que dançavam, saltavam e giravam alegremente ao som de gaitas, por tanto eles praticavam atividades físicas de forma natural e ao mesmo tempo utilitária (SOARES,2012).

As atividades desenvolvidas pelos indígenas eram naturais e tinham como finalidade o divertimento como também o de garantir a sua sobrevivência, onde suas habilidades corporais os ajudavam a superar grandes desafios e ao mesmo tempo, garantia a disseminação de costumes, cantos, danças, rituais de adoração e o uso da linguagem, pois ela é o principal instrumento educativo, de comunicação e de transmissão da cultura.

Segundo Aguiar e Frota (2002, p.2) a educação para os povos primitivos era de forma natural e as atividades eram voltadas para atividades vitais à sobrevivência, abrangendo o imitativo e coparticipativo quanto ao aspecto lúdico. O cotidiano deles eram caracterizados por uma exercitação intensa que marcavam de forma decisiva a vivência de movimentos corporais diversificados e necessários à superação dos obstáculos presentes na vida diária.

A Educação Física desde o descobrimento do Brasil, sempre teve um lugar de destaque, entretanto, foi somente a partir da reforma de Couto Ferraz e após Rui Barbosa ditar seu parecer sobre o ensino no Brasil é que a Educação Física ainda intitulada ginástica passou a ser vista não somente como uma atividade lúdica, mas

como uma disciplina fundamental no desenvolvimento dos brasileiros, surgindo assim a Educação Física Escolar (SOARES, 2012, p.3).

Outra perspectiva que teve forte influência para a Educação Física escolar foi a partir das ciências biológicas que classificou a Educação Física como atividade física. O corpo como natureza a ser dominada pelo homem, deveria ser quantificado e classificado com o intuito de torna-lo mais eficiente para as exigências do mundo do trabalho (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2013, p. 18).

Com as aulas de Educação Física a criança começa a conhecer os valores que englobam atividades esportivas e recreativas, estabelece hábitos de vida saudável e adquire outros conhecimentos relacionados com as diferentes áreas de educação (SÁNCHEZ, 2011).

É na Educação Física Escolar que a pedagogia trabalha o desenvolvimento integral do aluno, a interação e a inclusão, evidenciando a liberdade cognitiva e emocional, onde há um ambiente de convívio que o respeito e tolerância devem ser trabalhados. Sendo assim, é importante que sejam usadas ferramentas para impactar de maneira positiva na vida do aluno.

2.1 Breve Histórico da Educação Infantil

No decorrer dos séculos, o histórico da educação infantil mostrou como a responsabilidade de cuidadora do lar e educar os filhos era da mãe, além de ter a função de conceber mais filhos, assim, os maridos podiam sair para trabalhar e trazer o sustento para casa. Era através da participação nas tradições e no convívio com os adultos que as crianças aprendiam as normas e regras de sua cultura, levando em consideração que a infância durava até os sete anos de idade e a partir disso a criança era vista como adulto e exercia os mesmos trabalhos (SILVA, 2016).

Com o surgimento da urbanização e da industrialização ocorrido no século XIX, a mão de obra necessária era massiva, sendo assim, era necessário também a mão de obra feminina no mercado de trabalho, pois os homens trabalhavam nas lavouras.

Segundo Oliveira (2002, p.94 e 95), a urbanização e a industrialização modificaram a estrutura familiar tradicional no que se refere ao cuidado dos filhos pequenos, como a mão de obra masculina estava centrada nas lavouras, foi necessário que as fabricas admittissem um grande número de mulheres no mercado de trabalho.

De acordo com Silva, 2016, com a necessidade de deixar os filhos sob o cuidado de alguém, começaram a surgir novas instituições chamadas jardins de infância que era acessada por aqueles bem socioeconomicamente favorecidos. Já as creches eram frequentadas apenas por aqueles socioeconomicamente desfavorecidos, que tinha uma educação menos privilegiada. Sendo importante ressaltar, que estas instituições surgiram não pelo benefício das crianças e sim do mercado de trabalho.

Durante esse período os professores eram vistos apenas como cuidadores, visto que a educação apresentava um caráter assistencialista, em que os pais colocavam seus filhos nas instituições com o intuito de que esses profissionais pudessem cuidar das crianças, enquanto eles estivessem no trabalho, com o passar do tempo foi ocorrendo a desvalorização desses docentes dentro dessas instituições, em razão disso a recorrente formação e contratação de mulheres no magistério, por serem essas mais próximas as crianças, eram vistas como mais adequadas para exercer essa profissão, pois essa fase do ensino deveria estar próxima ao que a criança vivia em casa (KREFTA, 2011).

De acordo com Krefta (2011), a formação adequada de professores é importante, pois é através dela que o educador será capaz de exercer sua profissão com eficiência, assim, esse processo requer cuidado e maior rigor quando o professor decida dar início a sua formação, pois ele terá em suas mãos grande responsabilidade de iniciação do processo de desenvolvimento da criança enquanto aluno, servindo de suporte para a organização do seu processo de conhecimento.

3 AUTISMO

De acordo com o DSM-V (2013) é identificado como Transtorno do Espectro Autista; o Autismo, Síndrome de Asperges, Transtorno Desintegrativo e Transtorno Global do Desenvolvimento, os quais apresentam as seguintes características: déficits sociais, de comunicação, interesses restritos - fixos e intensos - e comportamentos repetitivos. Os traços do transtorno variam de acordo com o nível de comprometimento, que pode variar entre leve, moderado ou grave.

Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012), o autismo pode ser subdividido em algumas categorias, tais como: traços do autismo, com características muito leves;

síndrome de Asperger; autismo em crianças com alto funcionamento; e autismo clássico, grave, e com atraso mental associado.

Segundo o mesmo autor no lado mais leve do espectro, ficam as crianças da primeira categoria: as que apresentam apenas “traços” de autismo. São aquelas que não são afetadas com todos os comprometimentos, mas por algumas características. Nessa categoria, os sintomas configuram mais como uma vantagem do que mesmo como um problema.

Ainda sobre o autor na segunda categoria abrange indivíduos com síndrome de Asperger. Suas características apresentam uma certa ausência de empatia, com interesses e comportamentos mais restritos, configurando, assim, prejuízos de socialização. Ainda que utilizem palavras incomuns para sua idade, podem apresentar dificuldades no aprendizado.

Segundo Cordioli *et al.* (2014) o Autismo Clássico de Alto Funcionamento, é caracterizado por falhas na comunicação, interação social e capacidade linguística está em atraso, o QI é considerado médio. Segundo o autor, ainda há o Autismo de Baixo funcionamento e é visto como o mais grave e o QI é considerado abaixo da média.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que se inicia nos primeiros anos de vida e apresenta dificuldades que afetam o desenvolvimento da criança. Ao longo de sua vida, ocorre uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. Hoje em dia, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é entendido como uma síndrome comportamental complexa que possui causas múltiplas, combinando fatores genéticos e ambientais (RUTTER, 2011).

Os aspectos da comunicação acontecem em diferentes graus. Algumas crianças conseguem construir uma linguagem adequada, já outras não tem a mesma capacidade para desenvolver esta habilidade. Em alguns casos esta linguagem pode ser definida por jargão, ecolalia e reversões de pronomes. As crianças que adquirem esta fala apresentam dificuldade em começar e manter um diálogo adequado (RIESGO, 2013).

As causas ainda não são totalmente identificadas, contudo já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino, independente da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica. (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Mundy (2011) afirma que as avaliações atuais de predomínio, sugerem que cerca de três a cinco crianças em cada mil são afetadas por um distúrbio do espectro do autismo. Destes, 2/3 do sexo masculino e 1/3 do sexo feminino (ASSUMPÇÃO JR., 2000).

De acordo com Marteleto et al. (2011) crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifestam movimentos estereotipados como por exemplo: balançam as mãos, corre de um lado para o outro, persistem em manter determinados objetos consigo, fixa apenas em uma característica do objeto, apresentam atraso no desenvolvimento da coordenação motora fina, grossa e de linguagem, demoram para adquirir o controle do esfíncter e habilidades da vida diária. Também não apresentam autocuidado, como tomar banho sozinho e escovar os dentes.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a um distúrbio no desenvolvimento, por um conjunto de comportamentos anormais, levando em consideração as áreas de interação social, comunicação e comportamento em diversos graus de comprometimento (BRUNONI; MERCADANTE; SCHWARTZMAN, 2014).

Estas áreas de interação são conhecidas como tríade do desenvolvimento.

Recentemente, no *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-V, 2013) a tríade tornou-se díade, abrangendo deficiências sociais e de comunicação em um único domínio; e os interesses restritos e repetitivos em outro domínio. Segundo DSM-V (2013), esta mudança aconteceu, devido aos déficits na comunicação e nos comportamentos sociais que são considerados essenciais, logo sua observação deve ser feita em conjunto.

A partir dos dois anos de vida da criança é possível verificar os primeiros sintomas que estão relacionados ao transtorno do espectro autista (TEA). O desenvolvimento inicial da fala é tardio ou pouco desenvolvido e, em alguns casos, pode apresentar regressões. (CHAKRABART, 2009; CHAWARKA et.al 2007; NOTERDAEME & HUTZELMEYER –NICKELES, 2010; MINISTERIO DA SAÚDE, 2014).

Nota-se, em alguns casos, a existência de comorbidades que são associadas ao transtorno do espectro autista (TEA). Por exemplo, a Deficiência Intelectual, cujas características são definidas pela presença de um déficit na área social, cognitiva e adaptativa, que pode incluir alterações comportamentais e estereotípias (BRASIL, 2014).

O reconhecimento precoce dos sinais e sintomas é fundamental pois será através dele que a criança poderá iniciar o tratamento, assim, melhora os resultados no desenvolvimento cognitivo, habilidades sociais e linguagem (LAMPREIA, 2007; REICHOW, 2012).

O tratamento de crianças com autismo pode ser realizado de duas formas. Segundo Ramos (2010), o tratamento deve ser feito de acordo com as características particulares da criança. Esse tratamento é baseado em conjunto com uma equipe médica interdisciplinar, que deve ser realizada por pediatras, neurologistas e psiquiatras e também um tratamento não-médico, a ser realizado por equipes de psicologia, fonoaudiologia, pedagogia, terapia ocupacional, fisioterapia, além disso, é importante a presença de uma orientação familiar e profissional, assim como a inclusão social.

O objetivo dos pais é incentivar e trabalhar junto com a criança para que se torne cada vez mais independente e suprima a necessidade de ajuda constante e direta de outra pessoa (POSSI et al., 2011).

3.1 Educação Física em crianças com autismo

A Atividade Física é uma característica essencial do ser humano e está relacionada com o bem estar e saúde, trazendo qualidade de vida para todos que praticam (NAHAS; GARCIA, 2010). Os benefícios da atividade física não são diferentes nas crianças com Transtorno do espectro Autista (TEA). A prática de exercício físico pode proporcionar uma mudança considerável em seu estilo de vida, trazendo vários benefícios. Considerando que a atividade física é uma aliada para o desenvolvimento dos aspectos orgânicos e sociais, a prática torna-se importante para o desenvolvimento das crianças com autismo (TODD; REID, 2006).

De acordo com Curtin *et al.* (2010), as crianças com autismo têm mais predisposição à obesidade. Considera-se que elas possuem, cerca de 40% a mais de chance de terem obesidade ou sobrepeso, quando são comparadas às crianças sem o transtorno. Por conseqüente, é de extrema importância que essas crianças tenham um acompanhamento com um profissional de Educação Física para diminuir os níveis de obesidade e sobrepeso.

Segundo Younge e Furgal (2016), crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentam uma série de déficits motores, cognitivos, sociais,

demonstram um baixo índice de atividade física se comparado com crianças que não possuem tal transtorno. Isso está diretamente associada a taxa de obesidade entre crianças com TEA (30.4% em crianças com TEA e 23.6% em crianças com desenvolvimento típico).

Estas crianças podem apresentar padrões repetitivos de comportamento, atividades e interesses. Conforme Baio (2012), o índice de autismo entre crianças tem aumentado substancialmente, uma a cada 88 crianças nos EUA possui autismo.

A prática regular da atividade física traz inúmeros benefícios a saúde da criança. Segundo Silva et al (2010), a atividade física traz uma sensação agradável e vários benefícios a criança em aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos e psicológicos, assim ocorrendo uma melhora da autoestima, trazendo qualidade de vida, melhorando as funções cognitivas, socialização e redução de gordura corporal, estresse, ansiedade e consumo de medicamentos.

A atividade física realizada por crianças autistas traz um impacto positivo na dimensão físico/motora. Além de ajudar na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), auxilia nas alterações das capacidades metabólicas e funcionais. A atividade física para crianças autistas engloba diversos benefícios, trazendo uma diminuição de comportamentos agressivos, aprimora a aptidão física, o desenvolvimento social, físico e motor, melhora a qualidade de sono, além de diminuir a ansiedade e depressão (BREMER; CROZIER; LLOYD, 2016).

Estudos apontam que o exercício físico no cotidiano destas crianças melhora a concentração, memória, performance acadêmica, e a percepção de si mesmo, aprimorando assim a saúde mental da criança (BREMER; CROZIER; LLOYD, 2016).

Ainda que estudos indiquem que a atividade física traz inúmeros benefícios para crianças com autismo, encontramos restrições no dia a dia. As famílias que acompanham a vida da criança com autismo alegam que existem barreiras para que a criança com TEA participe de uma atividade física regular. As barreiras mais apontadas são: habilidade motora fraca, problemas comportamentais e de aprendizado, dificuldade com habilidades sociais, necessitam de muita supervisão, têm poucos amigos, profissionais não qualificados para lidar com crianças com autismo, poucas variáveis de exercício e exclusão por parte das outras crianças (MUST *et al.* 2015).

Alguns estudos apontam que crianças com autismo possuem baixa habilidade cognitiva e social e são menos fisicamente ativas e mais sedentárias (MEMARI; *et al.*, 2017).

Outro fator importante na infância são as transformações que a criança passa e com isso pode trazer alguns transtornos que podem afetar o comportamento alimentar, que são respostas comportamentais de como a criança se alimenta, que podem ser associados aos padrões de vida, condições sociais e culturais (GONÇALVE *et al.*, 2013).

Segundo a Associação Brasileira para Estudo da Obesidade, um dos fatores que levam a obesidade são os ambientes modernos com tanta diversidade tecnológica e principalmente a falta de atividade física (ABEB, 2016).

A obesidade infantil é problema que vem aumentando nos últimos tempos no Brasil, trazendo doenças crônico-degenerativas e transtornos psicossociais como a ansiedade e a depressão. A obesidade além de afetar a estética, também interfere no campo psicológico da criança no meio social (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

Segundo Oliveira e Costa (2016), é função dos responsáveis legais, juntamente ao desenvolvimento educacional, bem como nutricional, tornar as crianças conscientes sobre um estilo de vida saudável. É necessário que a escola proporcione aos seus educandos as práticas de atividades físicas e os hábitos nutricionais adequados juntamente de um profissional, pois uma criança que aprende a se alimentar bem, será um adolescente/adulto saudável.

Jovens e crianças autistas podem estar em maior risco de inatividade física devido as deficiências associadas à sua condição e a obesidade é considerada um problema de saúde para esses indivíduos (OBRUSNIKOVA; CAVALIER, 2011). Alguns estudos sobre o espectro autista em crianças identificaram que os aspectos sociais, como: ter amigos, participar regularmente de esportes e ter o suporte de um cuidador na escola afetavam a qualidade de vida desses jovens (COTTENCEAU, 2012).

Por tanto, a atividade física para crianças com autismo pode auxiliar no controle da ociosidade e baixa capacidade de iniciativa, assim desenvolvendo uma interação mais apropriada, melhorando a coordenação motora e a capacidade cognitivo-emocional, além de auxiliar no desenvolvimento da consciência corporal e espaço temporal (SANTOS *et al.* 2012).

4 DESENVOLVIMENTO MOTOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As crianças adquirem experiências vividas através do cotidiano onde elas terão condições de desenvolver suas habilidades e ter controle sobre elas (GOMES; et al., 2015), sabendo que é através das vivências motoras que a criança desenvolve seus movimentos, fazendo-se mais capazes e coordenados, nessa fase os professores de Educação Física tem um papel fundamental, pois através de suas aulas eles tem a capacidade de preparar maior diversificação de conteúdo, os quais podem aumentar as possibilidades de movimentos que estimulem de maneira positiva o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos (MINIKOWSKI, 2010).

4.1 Esquema Corporal

Através do desenvolvimento a criança descobre seu corpo e a sua representação, assim podemos classificar o esquema corporal como a representação global e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo (MEDEIROS, 2012).

Portanto o corpo representa uma forma de comunicação, movimentação e expressão associada com a atividade motora, alcançada pelas experiências obtidas através da movimentação corporal (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Segundo Rosa Neto; Amaro; Prestes; Arab, (2011), é necessário que os professores de Educação Física usem suas aulas para estimular a vivência motora das crianças, usando o lúdico para facilitar e tornar as atividades dos professores mais agradável, assim dando mais oportunidade para as crianças experimentarem novas habilidades motoras, assim criando um maior aprimoramento e conhecimento sobre o corpo.

4.2 Lateralidade

A lateralidade é a predominância de um indivíduo utilizar de forma mais eficaz e com maior agilidade um dos lados do corpo, e essa preferência pode ser notada em três planos: olho, mão e pé. Schafranski (2013) declara que a lateralidade é o elemento fundamental de relação e orientação com o mundo exterior.

Conhecendo que a lateralidade é um elemento para o desenvolvimento psicomotor, tem grande importância nas capacidades de aprendizagem, com isso é

necessário que o professor de Educação Física por seus intermédios, estimule a vivência e descoberta no processo de desenvolvimento psicomotor das crianças (ROSA NETO *et al.*, 2011).

4.3 Psicomotricidade

A psicomotricidade pode ser definida pela relação entre a ação e o pensamento, incluindo as emoções (CARON, 2010). Alguns autores descrevem a psicomotricidade como uma ciência que tem como objetivo o estudo do homem em movimento e em relação ao seu mundo interior e exterior, assim a criança terá possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com objetos e consigo mesmo (AQUINO; BROWNE; SALES; DANTAS, 2012, p.246).

Nesse sentido a Educação Física está presente no desenvolvimento da criança, em relação ao aprender, com processos cognitivos, afetivos e psicomotores, sempre buscando a formação integral da criança (DARIDO; RANGEL, 2014). Através das aulas de Educação física é possível trabalhar a psicomotricidade e desenvolver o potencial da criança e assim prepara-las para uma aprendizagem futura adequada (AQUINO; BROWNE; SALES; DANTAS, 2012, p.246).

4.4 Coordenação Motora Fina

É a capacidade de controlar pequenos grupos musculares para executar exercícios mais refinados, como: recortar, colar e encaixar. Exercícios que requerem habilidades de pegar e arremessar bolas podem auxiliar no desenvolvimento do tônus muscular e nos pequenos movimentos. Os pés devem ser trabalhados pois eles são fundamentais para a marcha, sustentação e equilíbrio do corpo (ALMEIDA, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial que professores de Educação Física saibam quais são as ferramentas principais para o desenvolvimento da criança autista, sendo que, são profissionais comprometidos com seus alunos e sua educação, devem sempre tentar incluir todos os alunos nas atividades propostas, evitar conflitos, e possuir sensibilidade para resolver possíveis problemas.

Para ser um bom profissional é preciso compreender as emoções, reações, a maneira de falar e agir, é entender as necessidades da criança autista e assim através das atividades específicas, promover bem-estar e uma mudança de vida com qualidade física.

Tendo como objetivo neste trabalho, foi apresentado a importância do desenvolvimento de crianças autistas nas aulas de educação física, foi mostrado também a necessidade que essas atividades possuem como um elemento de transformação, já que a aula de Educação Física deve ser um momento lúdico, que possibilite que a criança se descubra, experimente, e desenvolva novas áreas de conhecimento.

Os exercícios apresentam várias características comportamentais, de inadaptação, estereótipos de agressividade, melhorando a falta de atenção, a questão de flexibilidade, equilíbrio e força muscular são pontos significativos.

Deste modo, a Educação Física é um meio de promoção da aprendizagem para a “criança com deficiência”, podendo favorecer no seu desempenho motor e educacional. Tudo isso é manifestado no processo de ensino aprendizagem, através de brincadeiras, jogos, desafios, músicas que possam potencializar o raciocínio, socialização, provocando uma mudança no desenvolvimento cognitivo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Olivette Rufino Borges Prado. FROTA, Paulo Rômulo de Oliveira. **Educação Física em questão: resgate histórico e evolução conceitual**. 2002. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.1/GT1_5_2002.pdf>.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Epistemologia da Educação Física**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e A Distância, 2013. 40 p.

ALMEIDA, Wilton de Jesus. **A intervenção do Profissional de Educação Física no desenvolvimento global dos autistas em escolas de atendimento especializado**. 2010. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Curso de Graduação em Educação Física, Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas, 2010.

American Psychiatric Association (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5th ed. Washington (DC): American Psychiatric Association; 2013.

AQUINO, M. F. S.; BROWNE, R. A. V.; SALES, M. M.; DANTAS, R. A. E. **Psicomotricidade como ferramenta da educação física na educação infantil**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v.4, n.14, p.245-257. Jan/Dez de 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA ESTUDO DA OBESIDADE. ABEB, 2016. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

ASSUMPÇÃO JR, F. B., PIMENTEL, A. C. B., **Autismo infantil**, Rev. Brasileira de Psiquiatria, vol.22 suppl. 2, p. 37-39, São Paulo, Dez. 2000.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. 1 edição, Brasília, 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 10 de ago.2020.

BREMER, Emily; CROZIER, Michael; LLOYD, Meghann. **A systematic review of the behavioural outcomes following exercise interventions for children and youth with autism spectrum disorder**. *Autism*, [s.l.], v. 20, n. 8, p.899-915, nov.

2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1362361315616002>. Acesso em: 18 de jul. 2020.

BREMER, Emily; LLOYD, Meghann. School-based fundamental-motor-skill intervention for children with autism-like characteristics: an exploratory study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s.l.], v. 33, n. 1, p.66-88, jan. 2016. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.2015-0009>. Acesso em: 26 de abr. 2020.

BRUNONI, D.; MERCADANTE, M. T.; SCHWARTZMAN, J. S. **Transtornos do Espectro do Autismo**. In: Antônio Carlos Lopes. (Org.) Clínica Médica: diagnóstico e tratamento. 1.ed. São Paulo: Atheneu, 2014, p. 5731-5746.

CARON, J. **Psicomotricidade: um recurso envolvente na psicopedagogia para a aprendizagem**. Revista de Educação do IDEAU. v. 5. n. 10. 2010.

CHAKRABARIT, S. Early identification of Autism. Indian Pediatrics, 46 (17), 412 – 414, 2009.

CHAWARSKA, K.; PAUL, R.; KLIN, A.; HANNIGEN, S.; DICHTEL, L. E.; VOLKMAR, F. **Parental recognition of developmental problems in toddlers with ASD**. Journal of Autism and Developmental Disorder, 37, 62 –73, 2007

COTTENCEAU, H., ROUX, S., BLANC, R., LENOIR, P., BONNET-BRILHAULT, F., BARTHELÉMY, C. **Quality of life of adolescents with autism spectrum disorders: comparison to adolescents with diabetes**. Eur Child Adolesc Psychiatry, v. 21, p. 289–296, 2012.

CURTIN, C.; ANDERSON, S.E.; MUST, A.; BANDINI, L. **The prevalence of obesity in children with autism: a secondary data analysis using nationally representative data from the National Survey of children’s health**. BMC Pediatrics, Vol.5, n.1, Pg.48-53, 2010.

DARIDO S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, Cartilha Direitos das Pessoas com Autismo, 1 ed., Mar. 2011.

Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V), 2013, **Washington: American psychiatric association**.

Sowa, M.; Meulenbroek, R. Research in Autism Spectrum **Disorders Effects of physical exercise on Autism Spectrum Disorders: A meta-analysis**. Research in Autism Spectrum Disorders, v.6, n.1, p.46-57, 2012.

GOMES, A. A. et al. **Avaliação do desenvolvimento motor na fase fundamental de crianças em uma instituição de ensino de Pirajuí/SP** - Estudo comparativo. 2015. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Lins, São Paulo, 2015.

GONÇALVES, J. D. A.; MOREIRA, E. A. M.; TRINDADE, E. B. S. D. M.; FIATES, G. M. R. **Transtornos alimentares na infância e na adolescência**. Rev. paul. pediatria, 2013, v. 31, nº 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v31n1/17.pdf>. Acesso em: 25 de set. 2020.

HAX, G.P. **Estilo de Vida de Adolescentes com Transtorno Autista**. 2012. Dissertação (Mestrado em atividade física). Curso de Mestrado em Educação física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

KEFTA, Silvana. **Metodologia de Ensino e Educação Infantil: Algumas Considerações Sobre a Trajetória da Escola Infantil no Brasil**. 2011.

LAMPREIA, C. A. **Perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo**. *Estudos de Psicologia*. v. 24, n. 1, p.105-114. 2007.

MARTELETO, Márcia ReginaFumagalli et al.**Problemas de comportamento em crianças com transtorno autista**.*Psicologia:Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p.5-12, mar. 2011.

MEDEIROS, C. A. P. **Esquema Corporal e Educação Física: a descoberta do corpo através do movimento**. 2002. 36f. Monografia (Especialização) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2002.

MEMARI, Amir Hossein et al. **Cognitive and social functioning are connected to physical activity behavior in children with autism spectrum disorder**. Research in Autism Spectrum Disorders,[s.l.], v. 33, p.21-28, jan. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rasd.2016.10.001>. Acesso em: 24 de mai. 2020.

MINIKOWSKI, R. D. N.; FILHO, E. X. **Avaliação do desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais em alunos da 5ª série dos anos finais**. Paraná, Secretaria de Educação, 2010.

MUNDY, P., **Autismo e seu impacto no desenvolvimento infantil**: Comentários sobre Charman, Stone e Turner, e Sigman e Spence. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, Boivin M, eds. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-6. Disponível em: <http://www.encyclopedi-a-crianca.com/documents/MundyPRTxp1.pdf>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

MUST, Aviva et al. Barriers to physical activity in children with autism spectrum disorders: relationship to physical activity and screen time. **Journal of Physical Activity and Health**, [s.l.], v. 12, n. 4, p.529-534, abr. 2015. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/jpah.2013-0271>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

NAHAS, M. V.; GARCIA, L. M. T. Um pouco de História, Desenvolvimentos Recentes e Perspectivas para Pesquisa em Atividade Física e Saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 24, n. 1, p. 135-148, 2010.

OBRUSNIKOVA, I.; CAVALIER, A.R. **Perceived Barriers and Facilitators of Participation in After-School Physical Activity by Children with Autism Spectrum Disorders**. *Journal of Developmental Physical Disabilities*, v.23, p.195–211, 2011.

OLIVEIRA, G. C. **Avaliação psicomotora**: à luz da psicologia e psicopedagogia. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, L. F. L.; COSTA, C. R. B. **Educação Física escolar e a Obesidade Infantil**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento*, Ano 1. Vol. 10, 2016.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo. SP: Cortez, 2002.

POSSI, K. C., HOLANDA, M. V., FREITAS, J. V. M., **O impacto do diagnóstico do autismo nos pais e a importância da inserção precoce no tratamento da criança autista**, *Rev. Psychiatry on line Brasil*, vol.16, n.1 São Paulo, Jul. 2011.

REICHOW, B. **Overview of meta-analyses on early intensive behavioral intervention for young children with autism spectrum disorders**. *Journal of Autism and Development Disorders*, 42(4), 512-520, 2011.

RIESGO, R., Neuropediatria, autismo e educação. In: **Autismo, educação e transdisciplinaridade**, editora papyrus, 2013, pag. 43-60.

ROSA NETO, F.; AMARO, K. N.; PRESTES, D. B.; ARAB, C. **O esquema corporal de crianças com dificuldade de aprendizagem.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, v. 15, n. 1, Janeiro/Junho de 2011.

Rutter, M. L. (2011). **Progress in understanding autism: 2007–2010.** Journal of Autism and Developmental Disorders, 41, 395–404.

Santos EO, Faustino PF, Zengo LM, Macedo VP, Seabra MO Jr. **Análise das mediações ocorridas a partir da aplicação de um programa de atividades psicomotoras de caráter lúdico-recreativo em crianças autistas.** Colloquium Humanarum. 2012 Jul-Dez; 9(Especial): 641-251.

SCHAFRANSKI, E. **As contribuições da lateralidade no desenvolvimento motor em adolescentes.** Paraná: Secretaria de Educação, 2013. (Cadernos PDE, v. 11).

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o Autismo.** Rio de Janeiro. Objetiva, 2012.

SILVA, Dulcilene Rodrigues. **Educação Infantil: avanços e desafios, onde o discurso e a prática se encontram.** Orientador: Daniel Moreira Tavares. 2016. 14 p. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia licenciatura) - Faculdade Montes Belos, [S. l.], 2016. Disponível em: Estação Científica - Juiz de Fora, nº 15, janeiro – junho / 2016. Acesso em: 23 abr. 2020.

SILVA, Rodrigo Sinnott et al. **Atividade física e qualidade de vida.** Ciência & Saúde Coletiva, Pelotas, v. 15, n.1, p.115-120, abr. 2010.

SOARES, Everton Rocha. **Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais.** Disponível em: (17): 169, 2012.

SOWA, M., & MEULENBROEK, R. **Effects of physical exercise on Autism Spectrum Disorders: A meta-analysis.** Research in Autism Spectrum Disorders, 6(1), 2012, p. 46–57.

TODD, T.; REID, G. Increasing Physical Activity in individuals with autism. **Focus on Autism and other Developmental Disabilities.** v. 21, n. 3, p. 167 – 176, 2006.

YOUNG, Sonia; FURGAL, Karen. Exercise effects in individuals with autism spectrum disorder: a short review. **Autism-open Access,** [s.l.], v. 6, n. 3, p.1-2, 20

June2016. OMICS Publishing Group. <http://dx.doi.org/10.4172/2165-7890.1000180>.
Acesso em: 09 de abr. 2020.